

Contribuição ao estudo da toponímia paranaense: a fitotoponímia

(Contribución al estudio de la toponimia del estado de Paraná: la fitotoponímia)

Márcia Zamariano

Centro de Letras e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

mazamariano@gmail.com

Resumen: Este trabajo se encuadra en el área de la Toponímica, ramo de la Onomástica que estudia el proceso de denominación de los accidentes físicos (ríos, riachuelos, arroyos, sierras, montes, etc.) y humanos (ciudades). En este estudio, se presentan los resultados parciales de la toponimia de las meso regiones Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pionero, con énfasis para el estudio de los fitotopónimos, los topónimos de origen vegetal. Los datos para análisis han sido recogidos en mapas oficiales elaborados por el IBGE – Mapa Municipal Estadístico (2007), y han sido clasificados según el modelo de clasificación taxonómica propuesto por Dick (1990b). La investigación demostró que predominan en el conjunto total —lingüísticamente hablando— étimos de origen portuguesa en las meso regiones Metropolitana de Curitiba y Norte Pionero y étimos tupis en la región Centro-Oriental y en la estructura morfológica la forma simple.

Palabras clave: Léxico; toponimia; Paraná; fitotopónimos.

Resumo: Este trabalho enquadra-se na área da Toponímia, ramo da Onomástica que estuda o processo de nomeação dos acidentes físicos (rios, córregos, ribeirões, serras, morros etc.) e humanos (municípios) e apresenta resultados parciais acerca da toponímia das mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro, com ênfase para a análise dos fitotopônimos, os topônimos de índole vegetal. Os dados para análise foram coletados em mapas oficiais elaborados pelo IBGE – Mapa Municipal Estatístico (2007), e classificados segundo o modelo de classificação taxionômica proposto por Dick (1990b). A pesquisa revelou que predominam no conjunto geral, em se tratando de base linguística, étimos de origem portuguesa nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba e Norte Pioneiro e de étimo tupi na Centro-Oriental e na estrutura morfológica a forma simples.

Palavras-chave: Léxico; toponímia; Paraná; fitotopônimos.

Introdução

A Toponímia, como disciplina linguística, investiga o léxico toponímico, considerando-o expressão linguístico-social que reflète aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente, e propõe o resgate da atitude do homem, por meio do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. Ela compõe, com a Antroponímia, que, por sua vez, estuda os nomes próprios de pessoas, uma disciplina mais ampla, a Onomástica – ciência que estuda os nomes próprios em geral.

Segundo Dick (1990a, p. 42-45), cabe aos estudiosos da toponímia utilizar como fonte de conhecimento também a reconstituição, não só da “língua falada na região em exame, como também de ocorrências geográficas, históricas, sociais e de informes zoo fitogeográficos”, ou seja, uma investigação dos aspectos naturais ou socioculturais da comunidade, a fim de conhecer o fator motivador para o aparecimento do topônimo.

Importante considerar que os topônimos são referências para a compreensão do espaço, da identidade e da memória porque atrás de um nome sempre há uma realidade sócio-histórica, que motivou o seu emprego e uso. De acordo com Dick, os topônimos são

verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. (1990a, p. 22)

1. Perspectiva teórica

Já se tornou lugar comum afirmar que a língua, por ser um sistema dinâmico, é passível de mutações e, “sendo um patrimônio de toda uma comunidade linguística, faculta a todos os membros dessa sociedade o direito de criatividade léxica”, já que é o homem que atua nas transformações sociais (ALVES, 2002, p. 6). As relações entre língua, cultura e sociedade estão refletidas na língua e, a partir de seu estudo, principalmente no nível lexical, podemos observar aspectos valorizados por determinado grupo, incluindo as condições de vida impostas pelo meio ambiente físico.

A língua pode ser entendida ainda como um componente de interação entre o indivíduo e a sociedade, um elemento cultural revelador da visão de mundo de cada comunidade, razão pela qual, para o real conhecimento da língua de um grupo humano, é preciso observar sua história, seus costumes e o ambiente em que vive.

Nesse sentido, toda língua natural reflete a cosmovisão de seus falantes, especialmente por meio de seu acervo lexical, o conjunto de palavras acumulado pela língua no decurso da sua história, no qual estão materializadas experiências vividas por determinado grupo sócio-linguístico-cultural, uma vez que “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Dessa forma, o acervo lexical de um grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, por exemplo, quando nomeiam pessoas e lugares. Assim, ao servir-se de sua capacidade linguística para nomear os lugares, o homem estabelece algumas relações: primeiro consigo próprio, ao demonstrar conhecer a realidade circundante e utilizar seu conhecimento para designar um local, e, depois, com seus interlocutores, pois, por meio do topônimo, transmite, com maior exatidão, o real significado que lhe atribuiu.

Para Isquerdo (1997, p. 31-32), o signo toponímico apresenta algumas especificidades, por se tratar de nomes próprios com função de “identificar e não de significar”, e a análise de sua estrutura permite ao pesquisador identificar elementos que esclarecem muitos aspectos referentes à “história política, econômica e sociocultural de uma região”.

No signo toponímico, o processo de nomeação é fundamentado pela motivação, refletindo sempre aspectos da realidade daquele que o nomeou: “o topônimo se constitui num tipo particular de signo. Se analisarmos a natureza dessas unidades do sistema, percebemos que, na sua gênese, elas diferem dos demais signos linguísticos no que tange à motivação” (ISQUERDO, 1996, p. 85).

Assinalando ainda esse aspecto histórico-cultural do topônimo, vale resgatar a posição de Dick (1990a, p. 19) acerca desse particular:

a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se

entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antro-po-culturais.

Dick destaca as duas importantes características do signo no que compete à motivação: primeiramente a intencionalidade do denominador, ao escolher um determinado nome para o acidente que pretende nomear, e posteriormente a origem semântica da denominação, isto é, ao significado que ela evidencia, seja ele transparente ou opaco, e acabam influenciando na formalização das taxionomias dos nomes de lugares (DICK, 1990b, p. 18).

Nessas circunstâncias, o signo linguístico em função toponímica, ao representar a projeção aproximativa do real, torna clara a natureza semântica do seu significado. Poder-se-ia dizer que há uma relação unívoca entre os termos implicados que traduzem referências de cor, forma, tamanho, constituição natural, como em rio **Grande**, rio **Pequeno**, ribeirão **Preto**, córrego **Branco**, riacho **Fundo**, lagoa **Rasa**, ilha **Comprida**, aldeia **Velha**, Vila **Nova**, entre outros (DICK, 1990b, p. 19) (grifo nosso).

2. Aspectos fitogeográficos do Paraná

O estado do Paraná é, geologicamente, dividido em cinco regiões de paisagens naturais: Litoral (caracterizado pela planície litorânea e a zona montanhosa litorânea), a Serra do Mar, Primeiro Planalto (limitado a leste pela Serra do Mar e a oeste pela escarpa devoniana), Segundo Planalto (também chamado de planalto de Ponta Grossa, é limitado a leste com a Escarpa Devoniana e a oeste com a Serra Geral ou da Esperança) e o Terceiro Planalto (localizado a oeste da Serra da Esperança, também chamado de planalto de Guarapuava) (CIGOLINI; MELLO; LOPES, 2001, p. 38-41). Por se encontrar numa área de confluência de formações fitogeográficas tropicais e subtropicais, o Paraná possui uma gama de tipos de vegetação diferentes.

Uma contribuição aos estudos da flora brasileira é destacada por Leite (2000, p. 18), ao afirmar que “baseando-se nos princípios da deriva das placas continentais e da evolução monofilética dos seres vivos, Veloso et al. (1991 apud LEITE, 2000) propuseram uma classificação da vegetação brasileira em regiões fitoecológicas”.

Segundo Leite (2000, p. 19) cada região fitoecológica reproduz suas “formas de vidas nos ambientes semelhantes, o que permite uma adaptação a um sistema universal”. A categorização em regiões fitoecológicas abarca “uma hierarquia que expressa nominalmente a estrutura da vegetação, clima a que está exposta, a fisionomia ou hábitos e o relevo do ambiente”.

Nesse particular, é importante resgatar a divisão para a flora brasileira realizada por A. J. Sampaio (1938, apud DICK, 1990a, p. 148 -149), em *Fitogeografia do Brasil*, com: I - Flora Amazônica; II - Flora Extra-Amazônica ou Geral, subdividida em seis zonas: 1) - Zona dos Cocais; 2) - Zona das Caatingas; 3) - Zona das Florestas Orientais (ou das Matas Costeiras); 4) - Zona dos Pinhais ou Sul Brasileira da Araucária; 5) - Zona dos Campos; 6) - Zona Marítima: a) - Vegetação halófila ou do litoral; b)- Flora Insular – subdividida em: das ilhas afastadas e das ilhas costeiras; c) - Fitoplâncton ou Flora Flutuante.

E sob essa ótica, no Paraná ocorrem quatro regiões fitoecológicas:¹ a Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica), a Floresta Ombrófila Mista (Floresta com Araucária), Cerrado (Savanas) e Floresta Estacional Semidecidual; além das Áreas de Formações Pioneiras: Vegetação com Influência Marinha (Restingas), Vegetação com Influência Fluviomarina (Manguezal e Campo Salino), Vegetação com Influência Fluvial (Comunidades Aluviais).

Afastando-se da porção litorânea em direção à Serra do Mar no estado do Paraná, conforme Leite (2000, p.19), “a vegetação será sequencialmente enquadrada nesta classificação”. Afirma também o autor que, na planície litorânea, além da Floresta Ombrófila Densa, a vegetação está representada por restingas, comunidades aluviais e manguezais. Na sequência, temos a região fitoecológica da Floresta Ombrófila Mista ou Floresta com Araucária, que se caracteriza “pela presença da *Araucaria angustifolia* em associações diversificadas, as quais compreendem grupamentos de espécies com características próprias, formando estágios sucessionais distintos”.

A conhecida “Floresta com Araucária” constitui uma das mais importantes formações florestais do sul do Brasil, não só pela área que outrora ocupava nessa região, mas também pelo papel que os seus recursos naturais tiveram na ocupação do espaço paranaense. O pinheiro-do-paraná participa de forma marcante na fitofisionomia da região, especialmente devido à sua abundância e seu grande porte, com copa ampla, de formato característico, emergente sobre as demais árvores da floresta.

Pode-se entender, por meio da análise dos topônimos dos municípios abordados, que o uso de fitotopônimos na nomeação de um acidente geográfico decorre da abundância e da diversidade da flora e que o denominador tenha sido motivado pela existência dessas plantas ou vegetais no ambiente em que se encontrava seu objeto de denominação.

3. Procedimentos metodológicos

A recolha e a classificação dos topônimos seguiram as mesmas orientações metodológicas dos projetos Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), ambos desenvolvidos por Dick (1989-1994). Assim, os dados para a constituição do *corpus* foram coletados dos mapas oficiais elaborados pelo IBGE – Mapa Municipal Estatístico (2007), em escalas 1:50.000 e 1:100.000, relativos aos 97 municípios contemplados pela pesquisa.

Para fins de verificação das categorias mais produtivas de topônimos, foi utilizado o método estatístico com a organização dos dados em tabelas do aplicativo Microsoft Office Excel, considerado um modo seguro para obter informações quantitativas.

Recorremos, na fase de análise da motivação dos topônimos, ao modelo taxionômico proposto por Dick (1990b, p. 31-34), que, na formulação de uma terminologia técnica específica da matéria, dá destaque aos motivos que comandam a organização da nomenclatura geográfica. O modelo apresenta vinte e sete *taxes*, divididas em duas categorias, a de natureza física e a de natureza antropocultural. Os fitotopônimos situam-se na primeira categoria do modelo (natureza física). A análise dos dados focalizou três aspectos da análise toponímica: a língua de origem dos

¹ Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./estadual/index.html&conteudo=./estadual/pr4.html>. Acesso em: 06 mar. 2009.

topônimos coletados, a questão da motivação toponímica e a estrutura morfológica dos designativos, considerando, para tanto, além dos aspectos linguísticos, informações históricas, geográficas, sociais e etnolinguísticas relacionadas ao recorte dos fitotopônimos analisados.

4. Apresentação e análise dos dados – os fitotopônimos

Elegemos para análise neste artigo os *fitotopônimos* (topônimos relacionados a elementos da flora e da vegetação), que nomeiam acidentes físicos (rios, córregos, ribeirões, serras, morros etc.) e acidentes humanos (municípios) das mesorregiões Metropolitana de Curitiba (37 municípios), Centro-Oriental (14 municípios) e Norte Pioneiro (46 municípios), por ser a categoria mais produtiva no conjunto do *corpus* da pesquisa com 635 ocorrências ou 15,02% do total de topônimos investigados. O Quadro I, a seguir, apresenta o conjunto geral de topônimos em análise, com as categorias que tiveram percentual de ocorrência igual ou superior a 5%.

Quadro 1. Distribuição quantitativa das categorias toponímicas, nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro

Categorias toponímicas	Percentual	Quantidade
Fitotopônimos	15,04%	636
Zootopônimos	14,96%	633
Hidrotopônimos	9,27%	392
Antropotopônimos	8,49%	359
Litotopônimos	7,02%	297
Geomorfotopônimos	5,98%	253
Ergotopônimos	5,37%	227

O fato de o *fitotopônimo* ser a categoria mais produtiva na toponímia analisada é compreensível, porque, juntamente com outros elementos, há que se considerar que “o importante, talvez, seria não perder de vista que a vegetação é parte integrante de um conjunto natural, em que relevo, constituição do solo, acidentes hidrográficos, regimes climáticos, compõem um verdadeiro biossistema imprescindível ao homem e à qualidade de vida que nele pretenda instalar ou, pelo menos, usufruir” (DICK, 1990a, p. 146).

A beleza e a diversidade das espécies vegetais existentes na superfície terrestre sempre inspiraram o homem, tornando-se uma das suas principais riquezas, pois, desfrutando delas, garante a sua alimentação e a continuidade de sua espécie. O fato de os elementos da flora estarem estreitamente ligados à sobrevivência do homem, desde que ele passou a percorrer os caminhos da terra que descobria, contribuiu para a valorização dos nomes de espécies vegetais na nomeação de lugares.

O descobridor passava pelos lugares e se estabelecia, mas não sem antes investigar minuciosamente a natureza e, para diferenciar os espaços, dava-lhes o nome baseado muitas vezes no ambiente que o rodeava, fosse o nome de uma erva, de uma árvore, de uma fruta ou flor.

Dentre os 635 fitotopônimos do *corpus* analisado, 17 nomeiam acidentes humanos (municípios), das mesorregiões em questão. São eles: Araucária, Curitiba,² Matinhos, Pinhais, Tunas do Paraná³ (Metropolitana de Curitiba); Abatiá,⁴ Cambará,⁵ Congonhinhas,⁶ Curiúva,⁷ Figueira, Pinhalão, Quatiguá,⁸ Sapopema,⁹ Uraí¹⁰ (Norte Pioneiro); Imbaú,¹¹ Ortigueira, Palmeira (Centro-Oriental).

No cômputo geral dos acidentes físicos, vários topônimos enquadrados como fitotopônimos foram recorrentes. O topônimo mais produtivo foi **palmito**, que aparece nomeando rio *Palmito* (Agudos do Sul, Campo Largo, Paranaguá), rio do *Palmito* (Castro), arroio *Palmito* (Tibagi), córrego do *Palmito* (Bocaiúva do Sul), córrego *Palmito* (Assaí), ribeirão *Palmito* (Castro); arroio *Palmito Mole* (Tibagi). A unidade lexical **palmital** foi registrada no inventário de topônimos nomeando rio *Palmital* (Adrianópolis, Campo Largo, Colombo, Curitiba, Pinhais), arroio *Palmital* (Campo Largo, Ponta Grossa), ribeirão *Palmital* (Campo Largo), ribeirão do *Palmital* (Lapa, Leopólis), arroio do *Palmital* (Porto Amazonas), água *Palmital* (Assaí), água do *Palmital* (Cornélio Procópio, Santa Cecília do Pavão, Santa Marina e Santo Antonio da Platina).

Como as regiões pesquisadas estão localizadas na Zona das Araucárias, onde são abundantes os pinheirais, aparecem nas designações de lugares as unidades lexicais **pinheiro**, **pinhal**: rio *Pinheiro* (Antonina), ribeirão dos *Pinheiros* (Castro), ribeirão *Pinheiro Seco* (Congonhinhas), água do *Pinheiro* (Uraí); rio *Pinhal* (Guaratuba, Quatro Barras, Tijucas do Sul), água do *Pinhal* (Telêmaco Borba, Ventania, São José da Boa Vista).

Destacamos também a unidade lexical **pinhalão**, formada, segundo Ferreira (2004), pelo termo *pinhal* + *-ão* (sufixo aumentativo), que nomeia o município de *Pinhalão*. Dick (1990a, p. 177) argumenta que o nome da planta araucária exerce a sua função designativa em um único acidente humano, na região paranaense retratado por meio do nome do município de *Araucária*.

Merece ainda destaque, nos dados analisados deste trabalho, a valorização da **palmeira** como nome de lugar. Essa espécie existia em quase todo o território paranaense e o seu nome conserva-se em denominações como arroio da *Palmeira* (Doutor Ulisses), ribeirão *Palmeira* (Doutor Ulisses), serra da *Palmeira* (Doutor Ulisses, Reserva), córrego *Palmeira* (Ortigueira), *Palmeira* (município), rio *Palmeiras* (Guaraqueçaba), morro das *Palmeiras* (Guaratuba), rio das *Palmeiras* (Guaratuba), água

² Tupi: curityba: curí-tyba – o pinhal, o sítio dos pinheiros (SAMPAIO, 1928).

³ Espanhol: tuna – figo da figueira-da-india, do taino (HOUAISS; VILLAR, 2001) + do + paraná: Tupi: corr. pará-nã – o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios (SAMPAIO, 1928).

⁴ Tupi: grão de milho (TIBIRIÇÁ, 1984).

⁵ Tupi: mesmo que camará: nome comum a várias plantas das famílias das solanáceas e verbenáceas (TIBIRIÇÁ, 1984).

⁶ Tupi: corr. congõi – o que sustenta ou alimenta; é a erva-mate, variedade *Ilex congonha* (SAMPAIO, 1928) + inha (sufixo diminutivo).

⁷ Tupi: ku'ri - pinheiro + iwa = planta, árvore, tronco (de planta) (HOUAISS; VILLAR, 2001).

⁸ É corruptela da palavra *catiguá*, nome de um vegetal encontrado na região, cuja casca serve para tingir tecidos. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 jun. 2009.

⁹ Tupi: corr. çapó-pema – a raiz esquinada ou faceada, a que se dispõe em forma de parede, como nas figueiras bravas ou gameleiras (SAMPAIO, 19218).

¹⁰ Guarani: uraí – planta da qual os aborígenes extraíam o curare, veneno com que untavam suas flechas e lanças, para se defenderem dos inimigos. Disponível em: <<http://www.e-prefeituras.pr.gov.br/sites/prefeitura/urai/links/historia.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2009.

¹¹ Tupi: de embaúba (embyba) – árvore da preguiça; árvore que produz uma fruta que é o alimento predileto do bicho preguiça (TIBIRIÇÁ, 1984).

das *Palmeiras* (Bandeirantes, Cambará); rio *Palmeirinha* (Campina Grande do Sul, Piraí do Sul) e arroio *Palmeirinha* (Jaguariaíva e Piraí do Sul).

Destacamos, também, a presença considerável e itens lexicais de étimos oriundos da língua tupi, relativos à área semântica da flora na nomeação de acidentes geográficos. Sampaio, referindo-se à presença de topônimos indígenas oriundos de nomes de elementos da flora na toponímia brasileira, destaca:

Numa região como o Brasil, onde a vegetação exuberante, variada e intensa em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena, deve, de contínuo, traduzir a feição local do ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o frequente emprego de nomes de plantas, árvores, para indicar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topográfico qualquer. (SAMPAIO, 1928, p.85)

Dentre os étimos da língua tupi, **taquara** foi o topônimo mais produtivo. Sampaio (1928) define esse termo como “ta-quara – a haste furada, ou oca”. A lexia¹² taquara nomeia rio *Taquara* (Castro), arroio *Taquara* (Palmeira), ribeirão *Taquara* (São Jerônimo da Serra), serra da *Taquara* (Castro e Tibagi), água da *Taquara* (Figueira) e ribeirão da *Taquara* (Pinhalão). Na forma composta nomeia apenas o arroio *Taquara Lisa* (Tunas do Paraná).

Taquaral, por sua vez, termo definido por Houaiss e Villar (2001) como “extenso aglomerado de taquaras em determinada área; bambual, bambuzal, tabocal”, aparece na nomeação de arroio *Taquaral* (Campo Largo), morro *Taquaral* (Morretes), rio *Taquaral* (Rio Branco do Sul), rio do *Taquaral* (Castro), arroio e rio *Taquaral* (Jaguariaíva), água do *Taquaral* (Cornélio Procópio, Santa Mariana, São Jerônimo da Serra), ribeirão *Taquaral* (Santo Antonio da Platina). As formações **taquaralzinho** e **taquarinha**, por sua vez, ocorrem nos seguintes designativos: água do *Taquaralzinho* (Cambará) e ribeirão *Taquaralzinho* (Santo Antonio da Platina); ribeirão *Taquarinha* (Campo Largo).

Já **taquari**, lexia que, conforme Sampaio (1928), deriva de “taquary: como taquar-y: o rio das taquaras”, aparece na nomeação de rio *Taquari* (Campina Grande do Sul, Ponta Grossa e Quatro Barras), serra do *Taquari* (Guaraqueçaba) e córrego *Taquari* (Jataizinho).

Outra lexia de origem tupi que aparece como designativo de acidentes geográficos é **capão**, definida por Sampaio (1928) como “corruptela de caá-pãu, significando a ilha de mato, o mato crescido e isolado no campo”. Especificamente no *corpus* analisado, a unidade lexical aparece nomeando arroio *Capão Bonito* (Campo Largo, Castro), rio *Capão Grande* (Campo Largo), arroio *Capão Grande* (Ponta Grossa, Lapa), arroio *Capão do Moinho* (Palmeira), rio *Capão do Alegrete* (Campo Largo, Palmeira) e arroio *Capão do Cipó* (Ponta Grossa).

Recordando a localização das regiões pesquisadas (Zona das Araucárias), dois municípios são nomeados com étimos tupis: *Curitiba*, unidade lexical definida por Sampaio (1928) como “curityba: curí-tyba significando o pinhal, o sítio dos pinheiros”,

¹² Pottier, Audubert e Pais (1972, p. 26-27) definem lexia como “a unidade lexical memorizada”.

e *Curiúva*, termo definido por Houaiss e Villar (2001) como “ku'ri: pinheiro + 'iwa: planta, árvore, tronco (de planta)”.

Enfim, o estudo demonstrou a valorização da flora como motivação toponímica, em especial as espécies nativas do Paraná, seguindo, nesse sentido, uma tendência geral da toponímia brasileira. O próximo tópico focaliza a questão dos estratos linguísticos formadores dos signos toponímicos registrados nas mesorregiões em análise, conforme o visualizado no Quadro 2, na sequência.

Quadro 2. Distribuição quantitativa dos fitotopônimos, segundo a língua de origem – mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro

Língua de origem ¹³	Quantidade	Percentual
LP	305	48%
LT	243	38%
LP + LP	34	5%
LT + LP	13	2%
LP / LP	12	2%
OUTROS	28	4%

Podemos verificar pelos dados apresentados nesse quadro que a língua portuguesa predomina na base linguística da toponímia relativa às mesorregiões em questão, com 305 ocorrências, o que corresponde a 48% do total de topônimos analisados. Na sequência situa-se a língua tupi, com 243 ocorrências, totalizando 38% do universo estudado.

A maior incidência de nomes portugueses na nomeação dos topônimos é justificada por fatores históricos. De acordo com Bastos e Silva (1983, p. 48), o colonizador lusitano, ao conquistar as terras brasileiras, impôs elementos de sua cultura, tais como religião, idioma, organização política e econômica, através da força, da organização militar e por seu interesse pelas riquezas do Brasil.

Ao longo da história de ocupação do território brasileiro e paranaense, ocorreram diversos tipos de contatos sociais – num primeiro momento do colonizador português com o índio; posteriormente, desse colonizador com o negro e com o índio e, mais adiante, do imigrante estrangeiro com todos os anteriores –, o que contribuiu significativamente para a formação da realidade linguística brasileira e paranaense.

A própria origem social do colonizador e o sistema sócio-educacional desenvolvido, em território brasileiro, pelos jesuítas, foram, igualmente, fatores muito importantes para a caracterização da língua portuguesa no Brasil, em geral, ou do português de cada região, em particular.

Se os fatos anteriormente destacados justificam a realidade da língua portuguesa no Brasil, nada impede que, na busca da filiação do sistema toponímico brasileiro, o pesquisador possa tomar como parâmetro

Os princípios geográficos e histórico-sociais do país, adotando-se, como ponto de partida, a microvisão proporcionada pelas áreas de culturas regionais [...] que

¹³ LP: língua portuguesa; LP + LP: língua portuguesa + língua portuguesa; LP/LP: língua portuguesa/língua portuguesa; LT: língua tupi; LT + LP: língua tupi + língua portuguesa.

condicionaram um determinado tipo de atividades materiais, em função de um momento histórico preciso, chega-se ao estabelecimento da correspondência entre o “nome” de lugar e a condição sociológica determinativa. (DICK, 1990b, p. 44)

Embora o colonizador português desejasse impor suas regras de nomeação, considerava a realidade vivida pelos nativos, uma vez que encontrou aqui “uma nomenclatura básica em muitos casos incorporada à toponomástica que então se constituiu” (DICK, 1990b, p. 81).

As mesorregiões Metropolitana de Curitiba e Norte Pioneiro registraram uma parcela mais significativa de signos toponímicos originados de língua portuguesa. Essa maior recorrência advém da constatação de que as duas regiões foram colonizadas por migrantes paulistas, inicialmente no litoral com o ciclo do ouro e posteriormente no interior com a expansão da cultura cafeeira pelas terras ao norte do estado do Paraná, e valeram-se do português, já língua oficial do Brasil para nomearem os acidentes geográficos físicos e humanos.

Os dados analisados dos municípios paranaenses das três mesorregiões permitem trazer à baila diversos topônimos de origem portuguesa como, por exemplo, **figueira**, que aparece nomeando arroio da *Figueira* (Adrianópolis), ribeirão *Figueira* (Campina Grande do Sul), rio *Figueira* (Doutor Ulisses), córrego da *Figueira* (Abatiá), córrego *Figueira* (Assaí), serra da *Figueira* (Joaquim Távora), água da *Figueira* (Abatiá, Jacarezinho, Rancho Alegre, Salto do Itararé, Santa Mariana, Siqueira Campos, Uraí) e nomeia também o município de *Figueira*.

A toponímia brasileira recebeu também grande contribuição do tupi, língua geral indígena da costa brasileira. Conforme Dick (1990b, p. 123), os tupis “caracterizam-se, por ser um grupo bem preciso em todo o litoral brasileiro, de norte a sul”, confirmando-se que eram, em sua maioria, nômades, pois as migrações desses povos, “iniciadas em tempos remotos, puseram-nos em contacto com outros grupos”. Isso contribuiu para que, por onde passavam, deixassem rastros de sua cultura e de sua língua e também adquirissem aspectos culturais de outros povos indígenas.

Alguns aspectos chamaram-nos a atenção, quanto à área de localização dos *fitotopônimos* de étimo tupi, pois a região de maior concentração situa-se na mesorregião Centro-Oriental, e pode ser explicada em parte pela presença na região, ainda na atualidade, das áreas indígenas Tibagi-Mococa e Queimadas, em Ortigueira, município pertencente a essa mesorregião, hipótese que ainda carece de investigações mais pontuais.

Os nomes híbridos aparecem em 6% dos designativos das mesorregiões analisadas. Apresentamos, a seguir, o tópico que focaliza a estrutura formal dos fitotopônimos registrados nas mesorregiões em análise, conforme o visualizado no Quadro 3, na seqüência.

Quadro 3. Distribuição quantitativa dos fitotopônimos segundo a estrutura formal – mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro

Estrutura formal	Exemplos	Quantidade	Percentual
Simples	Córrego Palmito	574	90,8%
Composto	Ribeirão Mato Limpo	39	6,2%
Composto híbrido	Ribeirão Capuava Grande	16	2,5%
Simples/simples	Rio Caviúna ou Palmital	3	0,5%

Dick (1990b, p. 13) classifica a estrutura morfológica dos topônimos em três tipos: topônimo ou elemento específico simples; topônimo composto ou elemento específico composto e topônimo híbrido ou elemento específico híbrido. O primeiro é aquele constituído por um só formante, como em ribeirão *Peroba* (Bocaiúva do Sul), podendo apresentar-se também acompanhado de sufixos (ou outras procedências linguísticas), como em arroio *Palmeirinha* (Jaguariaíva), rio *Arrozal* (Arapoti) e aqueles ligados por conectivos como em morro das *Palmeiras* e rio das *Palmeiras* (ambos em Guaratuba). O topônimo composto é o que possui mais de um elemento formador, como em arroio *Mato Branco* (Rio Negro); e composto híbrido quando formado por elementos de línguas diferentes como em arroio *Capão Grande* (Lapa), formado pelo termo *capão* de étimo tupi e *grande* de origem *portuguesa*.

Os dados apresentados no Quadro 3 demonstram o predomínio de topônimos simples. Dos 635 fitotopônimos inventariados, 558 (88%) são formados por apenas uma lexia, confirmando o exposto por Dick (1995, p. 60), sobre o processo de nomeação dos acidentes geográficos:

os primeiros topônimos funcionavam, portanto, como verdadeiros “sign-posts”, ou marcas semióticas de identificação dos lugares, usadas com a finalidade de distinguir as características de espaços semelhantes: uma forma, uma silhueta, o perfil de uma paisagem se apresentando como recortes de uma corografia maior a ser detalhada. (DICK, 1995, p. 60)

Para a pesquisadora, esse fato explica a “quase-monotonia” apresentada na “primeira camada da nomenclatura geográfica”; nome e lugar ou objeto a ser nomeado “eram uma só coisa, tinham a mesma identidade, expressando a relação unívoca entre os atores do processo denominativo” (DICK, 1995, p. 60).

Considerações finais

Se a Geografia estuda, descreve e representa a superfície terrestre, não se pode esquecer que todo acontecimento se faz no espaço e datas e fatos são importantes para o conhecimento histórico. Nesse emaranhado, juntam-se todos esses elementos e a toponímia pode constituir-se em um fio condutor de grande utilidade para o conhecimento de aspectos da realidade brasileira, pois, historicamente, os acidentes geográficos foram os primeiros a serem nomeados no início da conquista e da ocupação do espaço brasileiro.

Até o final do século XIX e início do século XX, o estado do Paraná não estava totalmente urbanizado, permanecendo grande parte de seu território ainda desconhecido.

Assim sendo, muitos dos acidentes geográficos, apesar de sua existência desde épocas remotas, não tinham um nome específico. Foi o homem que passou a habitar esse espaço quem atribuiu o real significado ao meio circundante, atribuiu-lhe nomes, motivados pelas características físicas do local, pela aparência do acidente geográfico ou por questões culturais, que indicam sentimentos, ideologias de uma comunidade, no ato da nomeação, ou por estados psicológicos dos grupos que ocupam uma localidade.

A investigação sobre a fitotoponímia dos municípios localizados nas mesorregiões Metropolitana de Curitiba, Centro-Oriental e Norte Pioneiro revelou, do ponto de vista etnolinguístico, a predominância de topônimos originados da língua portuguesa (305 – 48%), uma significativa presença do estrato tupi (243 – 38%) e a grande incidência de topônimos de estrutura morfológica simples, na nomenclatura dos acidentes geográficos. O próprio processo de geração dos topônimos, assinalados no decorrer deste trabalho, podem explicar que o homem, no ato da nomeação de um lugar, busca motivação em aspectos naturais.

A beleza e a diversidade das espécies vegetais existentes na superfície terrestre sempre inspiraram o homem, tornando-se uma das suas principais riquezas, pois, ao viver conforme o seu desejo desfruta delas garantindo alimentação e continuidade de sua espécie. A raça humana primitiva, na luta constante pela sua sobrevivência, não dispunha de outros recursos senão aqueles oferecidos pela natureza. Assim, da necessidade de alimentação fazia uso das raízes, folhas, frutos, caça e pesca. Essa ligação tão íntima com a natureza que o circundava fez com que despertassem nele de forma espontânea e verdadeira pensamentos e sentimentos atingindo a sua espiritualidade. Nos designativos dos municípios abordados constata-se a presença de plantas úteis à alimentação tais como: morro do *Mamão* (Guaratuba), ilha das *Bananas* (Paranaguá), água do *Agrião* (Assaí).

Outros topônimos resgatam o uso de certas plantas na carpintaria, como: rio do *Ipê* (Guaratuba), rio *Angico* (Campo Largo); na confecção de material de uso doméstico ou comercial: rio *Cacheta* (Guaraqueçaba), arroio *Tamanqueira* (Reserva); além da utilidade na ornamentação: morro das *Margaridas* (Matinhos), *Roseira* (rio da — Campina Grande do Sul, rio — Guaraqueçaba), ilha das *Rosas* e porto das *Rosas* (Antonina) e na medicina: rio *Hortelã* (Contenda), arroio do *Poejo* (Ponta Grossa).

Percebe-se, enfim, que a exuberância e a diversidade da flora, tão aproveitadas pelos grupos humanos que habitaram ou habitam a região, foram os fatores decisivos para que as designações *fitotoponímicas* fossem conservadas até a época presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo - criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.
- BASTOS, Pedro Ivo de Assis; SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil: Colônia, Império e República*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Moderna, 1992.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística* (teoria lexical e linguística computacional). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CIGOLINI, Adilar; MELLO, Laércio de; LOPES, Nelci. *Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O léxico toponímico: marcadores e recorrências linguísticas (um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). In: *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v.8, n.1, ano 8. p. 59-67, 1995.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990a.

_____. O problema das taxonomias toponímicas. Uma contribuição metodológica. In: *Toponímia e antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1990b. p. 23-34.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteiras – Revista História UFMS*, Campo Grande, MS, v.1, n. 2, p. 27-46, jul-dez. 1997.

_____. *O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sócio-cultural*. 1996. Tese (Doutorado em Letras - Linguística e Língua Portuguesa) - UNESP, Araraquara, 1996.

LEITE, Maria Renata Pereira. *Relações entre a Onça-pintada, Onça-parda e Moradores Locais em Três Unidades de Conservação da Floresta Atlântica do Estado do Paraná, Brasil*. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000. Disponível em: <http://www.www.duke.edu/web/ctc/staff/Tese_Renata.PDF>. Acesso em: 05 nov. 2004.

POTTIER; Bernard; ANDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas Linguísticas do Português*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geographia nacional*. Salvador: Secção Graphica da Escola de Aprendizizes Artificies, 1928.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário tupi-português*. São Paulo: Traço, 1984.